



**CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

FERNANDO BATISTA GALDINO

**REFLEXÕES SOBRE AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA
RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA NA ESCOLA
E. E. F. M. M^a JOSÉ DE MIRANDA BURITY**

GUARABIRA/PB
2015

FERNANDO BATISTA GALDINO

**REFLEXÕES SOBRE AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA
RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA NA ESCOLA
E. E. F. M. M^a JOSÉ DE MIRANDA BURITY**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Geografia, do Centro de humanidades Osmar de Aquino, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Esp. Michele Kely Moraes Santos.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G564r Galdino, Fernando Batista
Reflexões sobre as dificuldades encontradas na relação ensino-aprendizagem de geografia na Escola E. E. F. M. M^a José de Miranda Burity [manuscrito] / Fernando Batista Galdino. - 2015.

24 p. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Michele Kely Moraes Santos, Departamento de Geografia".

1. Ensino de Geografia. 2. Escolas Públicas. 3. Recursos Didáticos. I. Título.

21. ed. CDD 910

**REFLEXÕES SOBRE AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA
RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA NA
ESCOLA E. E. F. M. M^a JOSÉ DE MIRANDA BURITY.**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Geografia, do Centro de humanidades Osmar de Aquino, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Geografia.

Orientadora: Prof. Esp. Michele Kely Moraes Santos.

Aprovado em 30/12/2015

Michele Kely M. Santos

Prof^ª Esp. Michele Kely Moraes Santos- UEPB
Departamento de geografia
Orientadora

Wandson do Nascimento Silva

Wandson do Nascimento Silva
Mestrando em geografia PPGG UFPB
Examinador

Lúcia de F. B. Marques

Prof.^a Ms. Lúcia de F.B. Marques-UEPB
Examinadora

GUARABIRA - PB

2015

Minha Mãe Lourdes, Pai Antônio
e a minha Vó Corina (in memoriam),
que foram grandes exemplos para minha vida.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Ao onipotente e bom DEUS, que na sua grandeza e misericórdia de Pai, quis que eu chegasse até aqui. A Ele minha eterna gratidão e oferecimento de minha vida. Meu refúgio e minha fortaleza!

Aos meus pais, Maria de Lourdes e Antônio Galdino, que na sua simplicidade e luta de cada dia me mostraram o verdadeiro sentido da vida; nunca me deixaram sozinho, e sempre fizeram de tudo para que eu evoluísse cada vez mais. Minha profunda gratidão!

Meus irmãos: Socorro, Gilvan, Benedito, Roberto e Antônio, sempre e de alguma forma aprendi com vocês. Deus sempre nos quis juntos!

À minha irmã Silvaneide, pelo grande apoio que tem me dado desde muito tempo, pela força e por me ensinar a ser mais pessoa, mesmo sem falar nada, me mostrou sempre com gestos de carinho e amizade. Estimo-te e te quero muito bem!

À vó Corina (In memoriam), sempre no seu silêncio me ensinou as coisas mais profundas da vida, o serviço e a disponibilidade sempre foram seus pilares. Com ela eu aprendi a ser fiel a aqueles a quem amamos nos momentos mais difíceis, até a morte.

A minha orientadora Michele Moraes, minha gratidão e sincera amizade, pois acreditou no meu trabalho e me impulsionou a seguir em frente!

Aos meus amigos, Felipe, Pedro, Rosineide, Maria, Rafaela, Alex, Karol, Sannara, Márcio, Kilvia, Erica, Michelle, Vanessa, Adrielle, Josiana, Cássia, Dalvanira, Jaciele, Jamábia, Roney e Patrícia. Vocês são minha força na caminhada, a vida só tem sentido se caminhararmos juntos.

Aos meus sobrinhos: Vinícius, Lucas, Mateus, Luiza, Beatriz, Debora, João, Pedro, Paulo e Mariah. Vocês me ensinam a cada dia que devo ser como criança para ser sempre feliz.

A minha comadre Janaina, pelo apoio de sempre e pela força para caminhar sem desanimar em meio aos obstáculos.

Aos meus amigos, Maria José (Zeze), Wildon, Antônia (tonha), Maria das Graças (mainha) que foram sempre muito sensíveis a perceber quando precisei de algo, e sempre estavam prontos a me ajudar.

À minhas madrinhas, Maria das Dores (Dorinha), Maria José (tinha) e Nadja que nunca estiveram longe de minhas aflições e dificuldades, me acompanham e percebem de perto o meu crescimento.

A todos os professores do departamento de Geografia da UEPB, minha profunda admiração e respeito!

À Universidade Estadual da Paraíba; foi das tuas fontes que bebi da sabedoria da Geografia.



“O verdadeiro servo de Deus é aquele que usa a caridade para com seu próximo, que está decidido a fazer a vontade de Deus a todo custo, que vive em profunda humildade e simplicidade”. (Pe. Pio)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Parte de dentro da Escola Maria José de Miranda Burity.....	10
Figura 2- Parte frontal da Escola Maria José de Miranda Burity.....	11
Figura 3- Parte frontal da Escola Maria José de Miranda Burity.....	11

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	10
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
3.1 Os professores de geografia e os métodos de ensino.....	12
3.2 Dificuldades do educador de geografia.....	15
3.3 Como a geografia é vista pelos alunos.....	17
3.4 O ensino de geografia nas escolas públicas.....	19
4. MATERIAIS E MÉTODOS.....	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23

REFLEXÕES SOBRE AS DIFICULDADES ENCONTRADAS NA RELAÇÃO ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA NA ESCOLA E. E. F. M. M^a JOSÉ DE MIRANDA BURITY

Autor: Fernando Batista Galdino

Linha de Pesquisa: Ensino de geografia

Orientador (a): Prof.^a Esp. Michele Kely Moraes Santos- CH/UEPB.

Examinadores: Wandson do Nascimento Silva- Mestrando em geografia- PPGG UFPB.

Prof.^a Ms. Lúcia de F.B Marques- CH/UEPB

RESUMO

Este Artigo tem como objetivo, fazer uma discussão sobre o ensino de geografia nas escolas públicas e de forma especial trazemos para uma reflexão da Escola Maria José de Miranda Burity que está localizada na cidade de Serra da Raiz- PB. Por meio desse estudo percebemos quais os principais motivos que ocasionam por vezes uma má realização do ensino, e um desinteresse por parte do aluno na disciplina de geografia. Queremos através desse trabalho, refletir sobre a função do professor e quais dificuldades são enfrentadas pelo mesmo na educação, procuramos compreender o que acontece quando existe uma limitação de recursos didáticos. Buscamos entender que é preciso muitas das vezes exercitar o lado crítico do aluno, trazendo os assuntos geográficos para o seu cotidiano, e nessa relação, compreender que a geografia em si não se trata somente de decorar coisas e lugares, mas de uma ciência que está ligada diretamente com o cotidiano do aluno inserido na sociedade.

PALAVRA-CHAVE: ensino de geografia; dificuldades; recursos didáticos

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa uma discussão sobre as dificuldades no ensino de Geografia a partir da análise da escola pública, em especial a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria José Miranda Burity, localizada na cidade de Serra da Raiz-PB, onde se constatou uma deficiência nas metodologias relacionadas ao ensino de geografia. As principais dificuldades que foram identificadas no ensino de Geografia da escola analisada se relacionam de maneira particular com a falta de recursos didáticos oferecidos aos professores e com a atuação de alguns profissionais fora de sua área de formação. Suponha-se que esses dois fatores em especial se constituem como barreiras para o êxito da aprendizagem.

A respeito do exposto, tornou-se fundamental apresentar nessa pesquisa uma discussão a respeito do papel do professor de Geografia na escola pública, sua participação na formação crítica do aluno, bem como relacionar esse tema com a visão do aluno com o ensino de Geografia. Cabe nesse momento, destacar a importância da formação docente adequada para uma aprendizagem eficaz. Paulo Freire (2005, p. 68) afirma que

“Se o educador é o que sabe, se os educandos são os que nada sabem, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos. Saber que deixa de ser ‘experiência feita’ para ser de experiência narrada ou transmitida”. (FREIRE, p. 68, 2005)

Assim quanto menos forem exercitados para serem críticos, menos os alunos conseguirão fazer algo para que haja mudança no mundo. Tendem cada vez mais a acomodarse e adaptar-se ao mundo e as realidades que lhe são passadas, como depósitos a receberem informações consideradas inquestionáveis. De acordo com Freire “Quando, (...) por um motivo qualquer, os homens se sentem proibidos de atuar, quando se descobrem incapazes de usar suas faculdades, sofrem” (FREIRE, 2005, p.75). Podemos dizer então que muitos alunos de Geografia se sentem inúteis por não poderem questionar e nem dar sua contribuição na matéria, no espaço vivido.

Na escola já citada existe uma dificuldade enorme no processo de aprendizagem, em muitos casos, isso ocorre devido à má realização do ensino que ao invés do aluno ser estimulado para o questionamento, a pesquisa, a busca por novos conhecimentos, prendem-se a Geografia descrita nos livros didáticos e transmitida pelo professor como uma verdade absoluta, inquestionável e até mesmo não relacionável com a realidade. Então afirmamos que:

a educação (...) não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios a quem o mundo “encha” de conteúdos, não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes”. (FREIRE, 2005, p. 77)

Portanto, o processo de ensino-aprendizagem não deve acontecer numa relação hierárquica entre aluno e professor, nem tampouco de maneira depositária. O ensino deve acontecer a partir do espaço vivido sendo esse correlacionado com os conteúdos da Geografia escolar.

Considerando que a Geografia é uma “ciência da sociedade e da natureza, que constitui um ramo do conhecimento necessário a formação inicial e continuada dos

professores” (PONTUSCHKA, 2009, p.37), é preciso um olhar mais denso para com os assuntos sociais e naturais, existentes no espaço geográfico. Portanto, os alunos podem contribuir de forma presente no ensino da geografia.

Dessa maneira, discutiu-se as dificuldades encontradas no ensino de Geografia das escolas públicas, em especial na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria José Miranda Burity a fim de ajudar tanto aos professores como aos alunos na relação ensino-aprendizagem. Analisaremos os recursos didáticos “oferecidos” pela escola para a aprendizagem de Geografia e o papel do professor diante deles. Deve-se, pois, compreender o que acontece quando existe uma limitação de recursos didáticos e utilização de apenas uma única ferramenta, o livro didático.

2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Maria José de Miranda Burity, está situada na cidade de Serra da Raiz, interior da Paraíba e faz parte da rede Estadual de Educação, possui atualmente cerca de 250 alunos e oferece os Ensinos Fundamental II e Médio nas modalidades regular e Eja. Quanto à estrutura física se faz relevante salientar que tem um prédio em bom estado, entretanto não dispõe de Biblioteca ou sala de multimídia, o que dificulta os trabalhos, e são escassos os recursos, especialmente no campo da leitura. O corpo docente é formado por 20 professores sendo destes 09 do quadro efetivo e do total 10 participou da formação continuada do sismédio em 2014.

Figura 1- Parte de dentro da Escola Maria José de Miranda Burity.



Fonte: Foto do Autor, 2015.

A organização pedagógica é feita pelo próprio corpo docente, pois a escola não dispõe de coordenador pedagógico, estes se reúnem com frequência para planejar, avaliar e trocar experiências de metodologias aplicadas com eficiência a fim de construir o plano de ação da escola.

Os alunos vêm em numero equilibrado tanto da zona urbana quanto da rural numa população de 3.198 habitantes segundo o censo do IBGE de 2010 e são em sua maioria filhos de agricultores (subsistência), aposentados e funcionários públicos. Atualmente tem crescido o número destes que conseguem ingressar e concluir um curso superior.

A escola conta com diversos equipamentos pedagógicos que ajudam na prática do profissional, tais como: Birôs, arquivos, Cadeiras, Cart. Universitária, Jogos pedagógicos, Globo, Mapas, Mimeógrafo, Armários, Mesas, Estantes abertas. Além disso, a estrutura física da escola está organizada de acordo com as normas da Secretaria Estadual de Educação, através da ordem de Serviço anual.

Figura 2 - Parte frontal da Escola.



Fonte: Foto do Autor, 2015.

Figura 3 - Parte frontal da Escola.



Fonte: Foto do Autor, 2015.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Maria José de Miranda Burity funciona atualmente com 250 alunos matriculados. O prédio se compõe de 06 salas de aula, dois conjuntos de banheiros para os alunos, divididos em masculino e feminino; Secretaria; sala dos professores; Cozinha; Pequeno almoxarifado; 02 banheiros para os professores e funcionários (masculino/feminino); Cozinha com despensa, pátio para recreação. Funcionando nos turnos manhã, tarde e noite, a escola atende 250 alunos, que são distribuídos em 17 turmas; vale ressaltar que no turno da noite funciona o ensino de jovens e adultos.

No que se refere ao apoio administrativo conta-se com 3 vigilantes, 3 merendeiras, 3 auxiliares de serviços gerais, 2 agentes administrativos e 1 secretário geral. Há um intercâmbio escola/comunidade através das reuniões de pais e mestres, reuniões com os pais de alunos, visitas domiciliares através dos serviços de apoio psicopedagógico e festas comemoradas na escola.

A escola enquanto instituição social tem a função de socialização do saber historicamente acumulado é este saber conduz o aluno a uma consciência crítica da realidade que possibilite a transformação da sociedade. Devemos levar em consideração uma escola que visa não só transmitir conhecimentos acumulados pela humanidade, mas cima de tudo, proporcionar ao educando uma formação geral para o pleno exercício da cidadania, considerando-o um sujeito ativo. A pessoa que constrói seu próprio conhecimento é capaz de construir uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária, a fim de que nela possa viver com dignidade.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Os professores de geografia e os métodos de ensino.

É papel de toda a sociedade ter a consciência de que precisamos estar prontos para as transformações no mundo em que vivemos, e mais que isso, precisamos ser essa mudança na realidade vivida. Quando falamos de educação nos colocamos em uma discussão bastante atual em nosso tempo; esse debate nos conduz a uma reflexão sobre papéis e deveres, então começamos a entender que tudo anda interligado, de tal maneira, que precisamos ter consciência daquilo que somos e qual deve ser nossa contribuição na sociedade.

Os professores, em especial, são aqueles que têm o papel de educar e estimular o crescimento intelectual, mesmo em uma sociedade que a cada dia surgem novas tecnologias e formas de aprendizado, seu papel ainda é crucial para aprendizagem.

O docente precisa se habilitar para disciplina, estar atualizado e procurando novos métodos de ensino para serem utilizados com seus alunos, estimulando-os o gosto pela aprendizagem e proporcionando-os a compreender a importância da Geografia para a sociedade.

Nos dias atuais nos deparamos com uma realidade bastante preocupante, pois mesmo vivendo tempos de modernidade, ainda vemos muitos professores prenderem-se a um único método de ensino que não estimula os alunos a pensar e fundamentar as suas opiniões. Pontuschka et al (2009) nos fala sobre o uso das tecnologias na sala de aula, ressaltando a importância desse debate:

Muitas linguagens e tecnologias que atualmente estão disseminadas na sociedade pouco penetraram em sala de aula. O debate sobre seus limites e possibilidades precisa ser realizado com certa urgência, para que os professores possam utilizá-las criteriosamente e criticamente na prática de sala de aula. (PONTUSCHKA, et al, 2009 p. 39)

Sabemos que, existe uma ausência muito grande de recursos tecnológicos, que são facilitadores à aplicação de metodologias para melhor aprendizagem dos alunos, e assim os educadores são levados a passar conteúdos decorativos para seus educandos. Desta maneira, observamos que os professores muitas vezes não contam com ajuda tecnológica, por meio de materiais que facilitem na aplicação dos seus conteúdos, o único instrumento de trabalho a ser oferecido seria o livro didático, caderno e quadro.

Percebemos que em muitos casos os educadores não conseguem entusiasmar os alunos ao gosto por essa disciplina, pois ainda ministram aquelas aulas enfadonhas, decorativas e deslocadas da realidade vivida.

De acordo com Kimura (2008, p.81), identificamos um grande desafio dos professores no processo de ensino-aprendizagem ao apresentar os questionamentos: “(...) e de que maneira ensinar? Quer dizer, estando no cerne do ato educacional o fazer-pensar do professor e do aluno, o ensinar-aprender adquire uma importância fundamental”.

Por meio de tantos questionamentos surgiu a reflexão sobre o ensinar-aprender, sobre os principais meios de ensino utilizados na escola estudada, pois a partir da vivência realizada nesse ambiente educacional foi possível identificar que na maioria das vezes, as práticas e as recomendações de tratamento didático pedagógico se fundamentam apenas em escritos no papel para encaminhar às autoridades de ensino. Lamenta-se que muitas vezes os

Professores de geografia ou as escolas onde eles ministram suas aulas elaboram seus programas de curso acompanhando uma daquelas propostas. (...) Isso porque a presença maciça de muitos livros didáticos, trazendo a aplicação direta das instruções ou “sugestões de atividade”, tem “padronizado”, e mesmo, aprisionado o trabalho docente, de modo a dificultar o desenvolvimento da autonomia intelectual do professor de geografia (KIMURA, 2008, p. 87).

Pontuschka et al (2009), discursa que o bom professor é aquele que apresenta, discute e ensina uma Geografia com suas várias dimensões da realidade social, natural e histórica, que compreende a realidade do mundo numa visão articulada, organizada e crítica.

A geografia, como disciplina escolar, que oferece sua contribuição para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, entendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto da transformação, o momento atual da chamada mundialização da economia. (PONTUSCHKA et al, 2009 p. 38)

A autora supracitada discute ainda a relação existente entre os conteúdos geográficos e a realidade do mundo e a mediação do professor no processo ensino-aprendizagem:

Além de dominar conteúdos, é importante que o professor desenvolva a capacidade de utilizá-los como instrumentos para desvendar e compreender a realidade do mundo, dando sentido e significado à aprendizagem. À medida que os conteúdos deixam de ser fins em si mesmos e passam a ser meios para interação com a realidade, fornecem ao aluno os instrumentos para que possa construir uma visão articulada, organizada e crítica do mundo. É comum ouvir que amiúde os alunos chegam ao ensino superior apresentando um nível baixo de conhecimento e com inúmeras dificuldades, entre as quais a falta de domínio da língua para, por exemplo, analisar, interpretar e redigir textos. (...) o despreparo dos alunos é, em geral, o maior desafio que os professores enfrentam. (PONTUSCHKA et al, 2009 p. 97)

Sendo assim os professores devem ter como missão formar seus alunos para compreender e atuar criticamente no mundo de sua vivência. Entretanto nem sempre os educadores conduzem seus educandos com tal competência, chegando, por diversas vezes, na universidade sem a formação necessária para o desenvolvimento da criticidade, e dessa forma não conseguem estabelecer o conhecimento acerca da Geografia, e tampouco de sua realidade.

É de fundamental importância que os professores tenham como referência a aprendizagem envolvendo a compreensão. Pois quando compreendemos algo, podemos provar que ele é verdadeiro, ou seja, não é só decorando ou ouvindo as palavras dos educadores que os alunos irão aprender, porque a linguagem do aluno e das pessoas em geral é impregnada de significados, de saberes, de valores, de afetos, onde todos precisam ser desvelados por meio de reflexões. Portanto, os professores precisam ouvir os alunos, assim poderão conhecer as representações construídas sobre o mundo, e poderão questioná-los em busca de soluções ajudando a se elevarem em conhecimentos e superar o senso comum.

O professor que souber realizar levantamento bibliográfico em bibliotecas e pelo sistema computacional, usar laboratórios e ter atitude crítica diante das linguagens e recursos didáticos oferecidos pela chamada indústria cultural poderá não só oferecer a seus alunos a transmissão de conhecimentos já produzidos, mas também superar esse estágio, caminhando em direção à produção do saber e de material didático.(PONTUSCHKA et al, 2009 p. 28)

E assim, compreendemos o quanto é complexo o ensino e o aprendizado da Geografia, de forma que os alunos tem necessidade de um ensino que os incentive à criticidade e à reflexão a cerca do mundo. O professor de Geografia tem como papel fundamental despertar na sua sala de aula o interesse do alunado sempre pela realidade e pelas descobertas.

Sabe-se que muito precisa ser feito para termos um ensino de geografia com qualidade, onde o professor possua a habilitação profissional necessária e também possua competência para correlacionar o espaço geográfico vivido pelo aluno com os conteúdos curriculares. Esse professor na relação ensino-aprendizagem deve também considerar o conhecimento não-científico que o aluno possui, devido a sua vivência na realidade que o cerca. Sendo assim, o professor deve ouvir as opiniões, os relatos e de alguma forma também aprender com seus alunos, proporcionando um ambiente de aprendizagem.

3.2 Dificuldades do educador de geografia

Entre as diversas dificuldades vividas pelo professor de Geografia, destacaremos apenas duas para a discussão dessa pesquisa. A escolha por abordar apenas duas dificuldades se referiu ao fato da imensa influência que estas provocam na realidade do ensino de Geografia da Escola de Ensino Fundamental e Médio Maria José Miranda Burity.

Percebemos como primeira dificuldade enfrentada pelos professores a falta de recursos pedagógicos e a visão preconceituosa com relação à docência, grande parte dos educadores são vistos, algumas vezes, de maneira preconceituosa como pessoas sem uma formação qualificada para estarem atuando nessa profissão, portanto não sendo capazes de possuir autonomia em seu trabalho pedagógico.

“A pratica profissional dos professores expressa-se, muitas vezes, de forma ordenada e racionalizas pelas instâncias técnicas e administrativas dos sistemas de ensino, situação em que o professor dispõe de pouca autonomia diante das decisões sobre o que ensinar e como avaliar o que ensina e o que se aprende.” (PONTUSCHKA et al, 2009 p. 89).

Por diversas vezes foi possível visualizar os obstáculos encontrados pelos professores da escola estudada em sua rotina de trabalho, seja pela falta de materiais, seja pela dificuldade de diálogo e até mesmo pela burocracia do sistema público de ensino. É importante ainda que o professor fique atento às características da realidade local, para assim mobilizar o saber geográfico na qual todos os alunos são portadores.

A segunda dificuldade vivenciada pelos professores de Geografia é a existência de profissionais sem habilitação específica e adequada para a atuação em aulas de Geografia nas escolas. Muitas vezes as divisões das turmas e das matérias não são feitas pela formação, e sim por quem faz a direção da escola ou até mesmo por instâncias superiores, agravando a deficiência no ensino de Geografia, onde os professores, que foram um dia capacitados para trabalhar como educadores nessa área, ficam impossibilitados em poder exercer o seu curso e sua profissão.

Segundo Pontuschka et al (2009) sabe-se que:

A falta de domínio de conceitos, sobretudo em geografia, envolvendo conhecimentos tanto na natureza quanto na sociedade, levam os professores, muitas vezes com certo desespero, a tentar abarcar uma gama enorme de conteúdos na tentativa de suprir essa deficiência. Tal prática com frequência se revela frustrante justamente porque não só é impossível dar conta de todo o conteúdo, mas, em muitos casos, ele é abordado de forma desligada da realidade. (PONTUSCHKA et al, 2009 p. 98)

Assim dizemos que um dos grandes desafios dos professores de Geografia, diz respeito à necessidade prática em articular os conteúdos para os alunos. Portanto é preciso a motivação do aluno para a elaboração de projeto próprio de ensino e aprendizagem em Geografia que envolva propostas que demonstrem o domínio teórico-metodológico. Acredita-se que tal prática de ensino de Geografia apenas seja superada por profissionais habilitados adequadamente e por investimento de recursos pedagógicos na escola.

Diante de tais dificuldades, Kaercher (2006) vem ressaltar em relação aos educadores que

(...) Devemos não apenas nos renovar, mas ir além, romper a visão cristalizada e monótona da Geografia como a ciência que descreve a natureza e/ou dá informações gerais sobre uma série de assuntos e lugares. (KAERCHER, 2006, p.223)

Por isso é indispensável assinalar a importância de tomar como referência as práticas didático-pedagógicas e a realidade social da escola para os projetos de ensino e aprendizagem em Geografia, buscando alternativas para uma ação eficaz.

3.3 Como a geografia é vista pelos alunos

De modo geral percebemos que boa parcela dos alunos não gosta de Geografia, pois a veem como uma disciplina chata e enfadonha. Seria esse um problema nato e irreparável da Geografia? Ou seria esse um problema didático-pedagógico possível de se resolver? Não é o nosso objetivo neste trabalho responder a tais questionamentos no momento, mas sim proporcionar uma reflexão e uma discussão a cerca deles.

Na rotina da sala de aula é comum observamos que os alunos realizam diversas atividades fixadas com o livro didático, mas esses discentes afirmam que nada é aprendido e sim decorado, dessa forma, alguns deles não conseguem assistir estabelecer um vínculo prazeroso com a aprendizagem da disciplina de Geografia. Assim, “todo mundo acredita que a geografia não passa de uma disciplina escolar e universitária, cuja função seria de fornecer elementos de uma descrição do mundo, numa certa concepção ‘desinteressada’ da cultura dita geral” (Lacoste 1988, p.21).

As aulas de geografia tem despertado pouco interesse dos alunos, pois na sua maioria o alunado não procura entender os aspectos geográficos, mas muitas vezes preocupam-se apenas com a aprovação. Esse problema com relação aos alunos tem sido motivo de muita reflexão de muitos professores; nesse sentido fala-se muito dos profissionais dessa área, os mesmos recebem muitas críticas e são tidos como únicos responsáveis por haver alguns problemas no ensino.

Muitas vezes os conteúdos estão muito distantes dos alunos, ou seja, de sua vivência fora da escola, de seu dia a dia, sendo assim, no caso específico da disciplina de geografia, objeto específico desta pesquisa, vimos que é preocupante, no sentido que encontramos um ensino mecânico e decorativo. Alguns professores adotam uma postura ditadora, levando a geografia a ser vista pelo aluno como uma disciplina sem nenhuma aplicação prática; isso vem despertar nos alunos uma noção de inutilidade, e dessa forma gerando um desinteresse pelos estudos geográficos.

Cavalcanti (2002, p.12) afirma que: o ensino escolar “é um processo que contém componentes fundamentais e entre eles há de se destacar os objetivos, os conteúdos e os

métodos.” Sabemos que um dos maiores objetivos da escola, e também da geografia, é formar valores, e formar pessoas críticas, que consigam perceber as mudanças do mundo.

É neste sentido que queremos perceber esse rompimento de ligação do que é ensinado com a vida do aluno. Não podemos nos enganar ao pensar que somente falando da existência de rios, morros, climas; faremos o aluno aberto para novas ideias, nessa perspectiva para que a geografia escolar seja algo eficaz na formação do aluno, é preciso ser conduzido a compreender a lógica espacial local, tal como a lógica espacial global, e assim faça uma articulação com sua realidade.

Segundo Callai (1999, p. 58):

A Geografia que o aluno estuda deve permitir que ele se perceba como participante do espaço que estuda, onde os fenômenos que ali ocorreram são resultados da vida e do trabalho dos homens e estão inseridos num processo de desenvolvimento. [...] O aluno deve estar dentro daquilo que está estudando e não fora, deslocado e ausente daquele espaço, como é a Geografia que ainda é muito ensinada na escola: uma Geografia que trata o homem como um fato a mais na paisagem, e não como um ser social e histórico. (CALLAI 1999, P. 58)

Entendemos que a geografia precisa ser para os alunos uma ligação de comprometimento com a transmissão de conteúdos teóricos e sua realidade, que esses sejam uma possibilidade de compreender o espaço como um processo histórico que ocorre a partir do momento que o próprio homem transforma a natureza por suas necessidades.

Dessa forma, o espaço geográfico deve ser analisado em suas especificidades, de forma que esses assuntos permitam que os alunos conheçam os fatos ocorridos em outros espaços, mas que esses fatos influenciem para a compreensão da sua vivência local, e que possam constatar a influência das ações locais com outros espaços distantes.

Pensamos que a possível origem desse desinteresse por parte dos alunos seja uma questão cultural, onde desde muito tempo foi impregnado no pensamento e nas discussões da relação ensino-aprendizagem que o ensino da Geografia era algo chato e que não teria nenhuma importância para o nosso dia-a-dia. De acordo com Lacoste a Geografia é

uma disciplina maçante, mas antes de tudo simplória, pois, como qualquer um sabe, em geografia nada há de entender, mas é preciso ter memória. (...) mesmo sendo uma disciplina bastante simples e fácil de entender, mas para muitos se torna estressante e muito difícil de compreendê-la. (LACOSTE 1988, p.21)

Por diversas vezes, os métodos usados pelos professores das escolas públicas deixam os alunos com uma má impressão da Geografia, pois começam a falar e ditar conteúdos de livros despejam muitos conteúdos na sala e falam como se estivessem falando para vários computadores, que gravariam tudo que escutam. Isso vem a desestimular a aprendizagem e os alunos começam a criar barreiras para o aprendizado dessa matéria. Boa parte do alunado sente necessidade de um ensino mais criativo e participativo, onde eles também consigam interagir nas aulas para que não fiquem tão repetitivas somente as falas do professor.

3.4 O ensino de geografia nas escolas públicas

O ensino é um processo que envolve professor e aluno em uma organização na qual estão inseridos os métodos, objetivos, conteúdos e possibilidades (CAVALCANTI, 2002). Quando pensamos em escolas públicas, e em especial fazendo referência ao ensino fundamental e médio, é importante destacarmos em primeiro lugar uma associação de problemas que geralmente encontramos, e em muitos casos o conhecimento que deveria se passado pelo professor acaba não acontecendo. Com isso, a geografia, por se tratar de uma disciplina presente no processo educacional, também sofre com esses eventuais problemas. De acordo com Fernandes (2003)

a geografia é um desses negócios chatos que inventaram para ser a palmatória intelectual das crianças. Não dá prazer nenhum brincar de ser recipientes de nomes difíceis e ainda ter que repetir tudo certinho na hora das provas. A tortura geográfica, comum na maioria das escolas, é um exercício constante de ver o mundo de coisas, decorar o máximo e não aprender nada. (FERNANDES, 2003, p. 63).

Na visão deste autor, entende-se que para muitos a Geografia não passa de algo sem serventia, pois os alunos não são instigados a compreenderem o significado dessa ciência, dessa disciplina escolar. Porém, bem sabemos que a geografia tem seu potencial e é por meio deste que se mostra e sustenta seu verdadeiro significado. Quando tratamos dessa ciência de forma negativa e taxamos como algo sem serventia, referimos ao seu lado “decoreba”, sendo essa uma forte e visível influencia no ensino das escolas publicas no nosso país.

Se verificarmos as palavras críticas de Fernandes (2003), com relação ao ensino de Geografia no Brasil, que tem como título: “Das coisas sem serventia uma delas é a Geografia”, podemos refletir então, como na verdade funciona o ensino publico no Brasil e entender que a partir dessa afirmação de forma crítica é preciso pensar melhor sobre os

problemas que envolvem a educação e principalmente que envolvem a Geografia como ciência e disciplina no contexto curricular na atualidade, e dessa forma poder contribuir para que aos poucos essa realidade seja diferente, e encontremos um ensino de Geografia mais qualificado.

Callai et al (2000) vem falar que um dos maiores problemas ocorridos por conta da desmotivação dos professores é o uso do livro didático como algo único e exclusivo para ensinar; esta é uma das atitudes que afeta de forma visível o ensino. Na atualidade, com as múltiplas possibilidades de metodologias de ensino e diversidades de recursos tecnológicos, o uso quase que exclusivo do livro didático com aulas decoradas e enfadonhas não atendem a necessidade intelectual do aluno. O acesso a informações por parte dos alunos é intenso e rápido, exigindo do professor uma maior capacidade de articulação e transformação dessas informações em conhecimentos.

Segundo Santos (2010) para que o aluno possua uma formação crítica é necessária uma interação entre o mundo fora da escola e a escola:

Às vezes o que acontecem no cotidiano das pessoas precisam ser entendidas e a escola tem um papel fundamental nesse processo. O mundo da vida precisa entrar na escola, para que consiga acolher os alunos e dar-lhe condições de realizarem sua formação, desenvolverem um senso crítico e ampliarem suas visões sobre o mundo (SANTOS, 2010, p. 33.)

Portanto, refletimos que o papel do professor de Geografia é proporcionar situações de reflexão, discussão e aprendizagem onde se valorize, dessa forma, o conhecimento individual contribuindo para uma educação de qualidade. Essa discussão quer somente dizer que o livro didático não pode ser o único recurso usado pelos professores em sala de aula, pois, desta forma não estarão educando os alunos para serem críticos e formadores de opiniões, e muito menos transformadores da realidade. Portanto, entendemos que:

O objeto do estudo geográfico na escola, é pois, o espaço geográfico, entendido como um espaço social, concreto, em movimento. Um estudo do espaço assim concebido requer uma análise da sociedade e da natureza, e da dinâmica resultante da relação entre ambas (CAVALCANTI, 2002, p.13).

A Geografia precisa ser abordada com metodologias e objetivos críticos e não com métodos tradicionais, pois assim podemos levar os alunos a compreenderem, de forma mais ampla a realidade, dando possibilidade que ele atue de maneira mais consciente e positiva no

espaço geográfico. O docente é considerado o facilitador da aprendizagem, e ele tem sobre si uma grande responsabilidade, ele é visto pela sociedade como protagonista e acaba sendo o primeiro a dar passos neste cenário da educação. Por isso que “O bom senso do professor diz para sermos coerentes, diminuindo a distância entre discurso e a prática” (FREIRE, 2003, p. 61).

Se pensarmos em resolver os problemas da educação de maneira individual, jamais conseguiremos, pois esta realidade nos confronta a vários questionamentos de qual o melhor caminho para um ensino digno e de boa qualidade é uma união, um trabalho coletivo entre os agentes que fazem a educação no Brasil, inclusive os governantes; no mesmo instante surgem respostas para esses eventuais questionamentos tal como, a promoção de políticas públicas na qual valorizassem o profissional docente e um trabalho de conscientização e comprometimento dos pais com seus filhos na escola. Dessa forma, seria promovida uma conscientização sobre o papel social de cada individuo no processo educacional e sua responsabilidade nessa mudança.

Mesmo sabendo que o ensino de Geografia tem a capacidade e responsabilidade de formar cidadãos críticos, é preciso entender ainda que nesse processo de mudança e de formação, todos precisam comprometer-se, pois todos que formam a educação precisam ter um ponto de contribuição, desde os professores até os políticos que fazem as leis educacionais, para que as dificuldades sejam superadas, os obstáculos vencidos para se investir numa sociedade mais igualitária.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

Para adquirirmos informações concretas com relação ao processo de ensino aprendizagem em geografia, na instituição já citada que se localiza no município de Serra da Raiz-PB; realizamos uma pesquisa que conseguiu envolver profissionais na área da educação; sendo eles um dos principais envolvidos neste processo. Esta pesquisa pode ser feita por meio de uma vivencia através do período de estágio e por meio de conversas e convivência com professores e alunos da mesma instituição.

Foi necessário ainda fazer um levantamento bibliográfico, tendo como fundamento, algumas reflexões levantadas por diversos autores como: Cavalcante, Paulo Freire, Nída Nacib entre outros, que serviram de apoio nesta pesquisa.

Para a realização da pesquisa foi possível observar efetivamente as principais dificuldades enfrentadas pelo professor de geografia e quais os anseios dos alunos com relação ao aprendizado desta disciplina.

Diante desse mundo repleto de informações, o ensino de Geografia deve se manter atualizado, para melhor ajudar a compreensão por parte dos discentes, em frente à realidade vivenciada por essas inúmeras ofertas de transformações tecnológicas, e informações que a Geografia depara-se nos dias atuais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o ensino de Geografia nas escolas públicas torna-se um trabalho bem complexo, onde podemos analisar vários fatores que ocasionam o não interesse por parte dos alunos nessa disciplina. Percebemos que algumas vezes o espaço vivido do aluno é recuperado e o ensino da Geografia se aproxima da realidade dos alunos, entretanto na maioria das rotinas escolares essa relação não acontece.

Enquanto isso, novos conteúdos são inseridos no currículo: preservação ambiental, comunicação, consumo consciente, cidadania etc, exigindo cada vez mais uma discussão atualizada e integrada do professor de Geografia. É verdade que nem sempre verificamos o êxito no processo ensino-aprendizagem dessa disciplina escolar, pois ainda temos muitas barreiras a serem vencidas onde muitos precisam compreender que a Geografia não se limita em conteúdos decorativos, mas aos aspectos complexos que envolvem a vida da sociedade e o convívio com a natureza e o meio onde vivemos.

É preciso deixar clara a importância do ensino geográfico para o entendimento da sociedade e da própria formação do aluno evitando, com isso, que domine a visão da suposta inutilidade do ensino da Geografia. Neste trabalho buscou-se informar e destacar os presentes motivos pelos quais a maioria dos alunos de Geografia a tratam como uma matéria chata e enfadonha, mas também mostrar as principais dificuldades encontradas pelos professores para melhor ensinar.

Com a pesquisa realizada foi possível perceber que nem sempre os problemas enfrentados pelos professores de Geografia se encontram no método de ensino. As dificuldades surgem também da deficiente infraestrutura das escolas e até pelo desinteresse da sociedade para com o ensino desta disciplina que refleti sobre o processo ensino-aprendizagem, ocasionando o desestímulo dos alunos pela Geografia.

O grande desafio então é fazer com que os alunos reflitam a Geografia para então compreender a mundo e a sociedade em que vivem. As escolas e as instituições precisam formar cidadãos capazes de desenvolver elementos conceituais para colocar-se ante a realidade, dando sentido e significado a aprendizagem. E assim mais importante do que as aulas e a transmissão de conteúdos, é abrir espaço para que o aluno trabalhe a fim de exercitar a sua capacidade de reflexão e de desenvolver opiniões próprias.

REFERÊNCIAS

- ABNT, Associação Brasileira de Normas Técnicas, NBR 14.724: Informação e documentação- trabalhos acadêmicos- apresentação. Rio de Janeiro/2006.
- CALLAI, Helena Copetti. **O Ensino da Geografia: recortes espaciais para análise**. In: CASTROGIOVANNI, Antonio (Org). Geografia em Sala de Aula: práticas e reflexões. Porto Alegre: AGB – Seção Porto Alegre, 2ed. 1999.
- _____, Helena Copetti. **O ensino de Geografia: recortes espaciais para análise**. In CASTROGIOVANNI, A. C. (org). Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e prática de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- FERNANDES, Manuel. **Aula de geografia e algumas Crônicas**. Campina Grande: Bagagem, 2003, 109p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 35ª edição, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 42.ª edição, 2005.
- KAERCHER, N.A. **O gato comeu a Geografia crítica?** Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. In: Geografia em perspectiva: Ensino e pesquisa. 3ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.221-231.
- KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: Questões e propostas**. São Paulo: Contexto, 2008.

LACOSTE, Yves. **A Geografia** – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Tradução Maria Cecília França. 2 ed. Campinas: Papirus, 1988.

PONTUSCHKA, NídaNacib.et al. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Corez, 2009.

SANTOS, Rossevelt José; COSTA, Cláudia Lúcia da; KINN, Marli Graniel. Ensino de geografia e novas linguagens. In: BUITONI, Santiago. **Geografia: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.